

DE VIBRANTES A FRICATIVOS: OS RÓTICOS NA DUBLAGEM BRASILEIRA ¹

Jerri Antonio Langaro

RESUMO: *No português falado no Brasil, houve uma mudança na pronúncia do fonema erre – o “rótico” – em quase todo o território nacional. Essa pronúncia, em início de sílabas sem precedência vocálica, passou de vibrante – forte, ainda em uso em regiões do Rio Grande do Sul – a fricativa, aspirada, marcante em regiões de Minas Gerais. O fator decisivo para tal adveio do prestígio social imputado ao rótico fricativo. Por meio deste estudo, pretende-se demonstrar como os meios de comunicação influenciaram tal mudança. Esta se evidencia quando se contrapõe a pronúncia em dublagens feitas para o cinema e a televisão na década de sessenta à dublagem atual.*

PALAVRAS-CHAVE: *róticos vibrantes; róticos fricativos; dublagens.*

ABSTRACT: *There was a change in the pronunciation of the phoneme ar in the Portuguese’s Brazilian in almost all-national territory. This pronunciation, when it is in the syllable beginning, passed from vibrant – strong, it is still used in regions of Rio Grande do Sul state – to fricative, inspired, it has been marked in regions of Minas Gerais state. The decisive point to that arrives from the social prestige imputed to fricative ar. Through this study, it’s possible to demonstrate how the means of communication influenced in such change. This evidences when it opposes the pronunciation in dubbings made to the movie and television in the sixty-decade to the present.*

KEYWORDS: *vibrant ar; fricative ar; dubbings.*

O propósito deste estudo é analisar como, no idioma português falado no Brasil, principalmente a partir da década de setenta, os róticos deixaram de ser pronunciados, na maioria das ocasiões, como vibrantes, passando a se configurarem com uma pronúncia mais aspirada, ou seja, fricativa. O presente trabalho se atém a casos para os quais se exige uma pronúncia mais demarcada

¹ Trabalho apresentado como conclusão à disciplina *Teorias da linguagem – Fonética e Fonologia*, ministrada pela professora Dr.^a PhD Clarice Nadir von Borstel, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, nível de Mestrado, em Letras, da UNIOESTE. Orientação a cargo da professora Dr.^a PhD Clarice Nadir von Borstel.

para o fonema “r”, representado, graficamente, pelo duplo erre (rr) e, também, pelo erre inicial.

Nesses casos, a mudança fonética de vibrante para fricativa torna-se ainda mais evidente, ao se deparar com pronúncias realizadas há cerca de quarenta anos e, posteriormente, compará-las com a pronúncia atual na maior parte do território brasileiro. A razão dessa alteração parece residir mais em um processo de “prestigização” inerente à pronúncia aspirada que em uma mera substituição voluntária na oralidade dos falantes. Esse prestígio é notadamente perceptível na mídia, a qual, por meio de produtos televisivos e cinematográficos, passou a privilegiar o rótico fricativo, visto que o vibrante, quando ocorre em início silábico sem precedência de vogal, praticamente desapareceu, tanto no cinema, quanto na televisão nas últimas décadas.

Hora e Monaretto (2003, p. 135) atribuem à fricativa um dos aspectos responsáveis pela atenuação e, em alguns casos, pelo desaparecimento da pronúncia do fonema erre no contexto lingüístico atual. Os pesquisadores afirmam que o erre fricativo mantém “paralelos na história do Português onde corsariu > cossário, ursu > osso”. Foi a pronúncia fricativa que alterou a grafia de tais vocábulos para as formas que hoje se conhecem. Os lingüistas concordam com o que é exposto na Tese de Doutorado de Oliveira [*Apud* Hora e Monaretto (2003, p. 135)], defendida perante a banca examinadora da *University of Pennsylvania*, nos Estados Unidos em 1983, na qual o autor explicava esse efeito das fricativas alicerçando-se em “suas próprias características fonéticas”.

Callou e Leite (2000, p. 76) também fazem esse resgate histórico na evolução da língua, ao abordarem a aparição do erre fricativo em lugar da vibrante no dialeto português.

A substituição de vibrações apicais por vibrações uvulares e velares para a vibrante forte em português parece datar de fins do século passado [século XIX], pois já encontramos referências ao fato em VIANNA (1973), que observa, inclusive, a sua mudança para fricativa.

A pronúncia fricativa do “r” sobrepondo-se à vibrante não é recente no cenário fonético do Português falado no Brasil. Ainda no final do século XIX se percebia essa sobreposição na oralidade dos falantes. Ao direcionar seus estudos lingüísticos para o contexto atual no qual se encontra o Português falado no Brasil, Callou e Leite (2000, p. 76-7) não hesitam em afirmar que a pronúncia fricativa do erre é mais privilegiada dentre os falantes no território nacional.

Não há dúvida de que essas consoantes [erres] suscitam várias questões na nossa língua: a) parece ter havido uma mudança da norma de pronúncia da chamada vibrante forte, não só no ponto de articulação (de anterior para posterior), mas também no modo de articulação (de vibrante para fricativa); b) as diversas pronúncias já coexistiam no final do século passado e concorrem ainda hoje.

As lingüistas atribuem à alteração da oposição que se fazia entre a vibrante simples /r/ e a vibrante múltipla /rr/ uma das principais conseqüências da mudança na realização fonêmica do rótico de vibrante para fricativo. Callou e Leite (2000, p. 77-8) avaliam que a marca de oposição entre o “erre simples” e o “erre duplo” residia na quantidade de vibrações que estes produziam, quando de suas respectivas realizações fonêmicas. Contudo, essa oposição quantitativa foi substituída, na maior parte do território nacional, por uma outra modalidade de oposição: a de natureza qualitativa, representada pela mudança do ponto de articulação de anterior para posterior e de vibrante forte para fricativa.

Após dar esse enfoque à mudança da realização sonora do rótico, tanto no que se refere a seu ponto, como também ao seu modo de articulação, as autoras se detêm em explicar a causa da mudança da realização vibrante para fricativa intrínseca ao rótico. De acordo com as lingüistas, um dos possíveis fatores para essa mudança diria respeito ao caráter consonântico absoluto do som fricativo. Este possui uma abertura articulatória mínima, além de energia articulatória e intensidade muscular consideráveis.

A sonoridade fricativa pode contrastar junto aos fonemas vocálicos no momento de contado em uma sílaba. De acordo com os estudos de Callou e Leite (2000, p.78-9), uma sutil diferença existente entre as consoantes líquidas e as articulações vocálicas – traduzidas em traços comuns – conduziria a um pequeno contraste entre essas duas classes sonoras. No caso da vibrante, a alteração observada é explicável, conforme as pesquisadoras, por meio de um processo de intensificação ou reforço do caráter consonântico, chegando, desse modo, a uma realização fricativa.

No que engloba a realização da consoante fricativa glotal [h], as autoras salientam que sua freqüência é muito observada, também, em final de vocábulos. Elas ponderam, ainda, que por muito tempo pensou-se que tal pronúncia fosse típica do dialeto popular carioca. No entanto, por meio de suas pesquisas efetuadas no Rio de Janeiro, as lingüistas puderam constatar que, mesmo nas classes que empregam a fala culta, esse fenômeno é muito generalizado. A

realização fricativa glotal no rótico final serve de indicativo para supor uma fase anterior ao seu cancelamento, ou seja, a *apócope* propiciada pela pronúncia zero, visto que, na esfera do relaxamento de articulação, tem-se, em um dos pólos, a vibrante e, em outro, diametralmente oposta, a pronúncia zero. A fricativa se situaria em uma espécie de “zona equatorial”, uma posição intermediária no decorrer do percurso de tal esfera.

A esse respeito merece menção o estudo desenvolvido pelas lingüistas da Unicamp, Abaurre e Sandalo (2003, p. 162). As estudiosas, amparando-se na chamada *geometria dos traços fônicos*, definem o fonema [h] ou seja, a fricativa glotal surda, como o resultado fônico obtido em um processo de debucalização da própria vibrante.

Nossa proposta (...) pode, com um número mínimo de traços, representar a derivação da fricativa glotal a partir da vibrante, respeitando, portanto, o critério de simplicidade. Para esta derivação são necessários dois processos relacionados: (i) o nódulo de Ponto é desligado e, em consequência (ii) a raiz se altera para [-consonantal]. (...) É bastante aceito na teoria fonológica desde Clements (1985) que segmentos glotais não contam com o nódulo de Ponto. Isto é, para a derivação de um elemento glotal, o nódulo de Ponto deve ser desligado (debucalização).

Realizando um contraponto com os estudos desenvolvidos por Callou, Leite e Moraes (2002), as lingüistas Abaurre e Sandalo (2003, p. 167) ponderam que, assim como o processo de debucalização, o relaxamento articulatorio pode, igualmente, ser considerado uma das possíveis causas que também implicaram a conversão do rótico vibrante em fricativo na oralidade da grande maioria dos falantes brasileiros.

Uma mudança de vibrante para fricativa glotal é explicada na geometria de traços como debucalização, mas pode também ser facilmente explicada pelo estruturalismo como um processo de enfraquecimento, não sendo, portanto, algo idiossincrático de uma corrente teórica. Callou, Leite & Moraes (2002) afirmam que a “fricativa glotal surda é a predominante em muitos dialetos” (p. 544) e que ela ocorre por um processo de enfraquecimento (nas palavras dos autores, “relaxamento da articulação”) em direção a um desaparecimento. Este processo é bastante bem representado pelo que se denomina debucalização, na fonologia gerativa.

Apesar de a substituição do rótico vibrante pelo fricativo não se caracterizar como *algo idiossincrático de uma corrente teórica*, conforme cogitam as pesquisadoras da Unicamp, fato evidente é o de que, nas quatro últimas décadas, ao menos no Português falado no Brasil, ocorreu um processo de prestigização que privilegiou a pronúncia do rótico fricativo. Tal processo acarretou a quase homogeneização desse tipo de pronúncia no território nacional.

Uma variação desprestigiada, entretanto, não pode ser considerada inferior à norma culta padrão, tampouco ser definida como um “falar errado” diante de um dialeto “certo”. A única restrição encontrada nessa relação conflitante estabelecida entre variantes e língua padrão reside na valoração maior que a sociedade condiciona à enunciação moldada de acordo com seus padrões cultos. A esse respeito, o lingüista Faraco (1998, p. 19), alicerçado nos estudos de Gnerre (1985), toma o seguinte posicionamento:

Do ponto de vista exclusivamente lingüístico (...) as variedades se equivalem e não há como diferenciá-las em termos de melhor ou pior, de certo ou errado. (...) A diferença de valoração das variedades (...) se cria socialmente: algumas variedades, por razões políticas, sociais e/ou culturais, adquirem uma marca de prestígio (normalmente trata-se daquelas variedades faladas por grupos privilegiados na estrutura social de poder) e outras não.

A função primordial da língua é a de possibilitar aos falantes que a utilizam o atributo de comunicarem-se entre si, compreendendo-se mutuamente. No entanto, seleciona-se – pelas razões apontadas por Faraco – um dos possíveis modos pelo qual essa mesma língua é exteriorizada, atribuindo-se a este um conceito de *ideal* em relação aos demais.

Ao dialogar com o pensador russo Bakhtin (1979), Faraco (1998, p. 41) considera que é justamente esse conceito de *ideal*, ou seja, essa marca de prestígio atrelada a algumas formas de realização fonêmica da língua, a responsável pela mudança lingüística de um dialeto, o qual deixaria em desuso suas formas típicas – como o rótico vibrante, por exemplo, passando a contemplar características que lhes são alheias, devido ao fato de estas serem socialmente mais prestigiadas.

O que Bakhtin faz é destacar o fato de que o movimento histórico das línguas se deslança a partir de alterações nas relações sociais: há uma história social que precede as mudanças lingüísticas (...). Isso tudo porque as mudanças nas relações sociais põem em

contacto mais intenso grupos de falantes que usam dialetos, geográficos ou sociais, diferentes ou mesmo línguas diferentes. Esse encontro de diferentes variedades lingüísticas (e/ou de línguas diferentes) – fazendo coocorrerem contrastivamente formas diferentes de dizer o mesmo – cria condições para a mudança, já que, conjugado a fatores como prestígio e poder social e lealdade lingüística, permite a seleção de formas e a adoção de características de um dialeto (ou de uma língua) por falantes de outro dialeto.

Os fatores sociais se concretizam no falar sonoro dos indivíduos, principalmente, por meio das variações lingüísticas prestigiadas socialmente. Esse prestígio é, em grande parte, propagado pelos meios de comunicação de massa, representados no Brasil, eximamente pelo cinema e pela televisão. Tanto nas dublagens cinematográficas, quanto nas televisivas, passou-se, desde a década de setenta, a privilegiar o rótico fricativo, visto que o vibrante – quando da ocorrência de /r/ inicial e do erre duplicado – praticamente desapareceu nesses meios.

Para melhor ilustrar essa mudança fonética, o presente trabalho se aterá a alguns expoentes das companhias de dublagens da década de sessenta. Não se quer afirmar com tais exemplos que, naquela época, todos os dubladores empregavam a vibrante na pronúncia do erre em início de vocábulo e no final de sílaba. Ao contrário, conforme já frisado, a substituição da vibrante pela fricativa é um fato histórico, cujos primeiros registros datam, ainda, do final do século XIX. Ademais, a pronúncia fricativa é típica de determinadas regiões geográficas, como a de Minas Gerais, por exemplo.

O intuito dessa amostragem é demonstrar, na prática, como a pronúncia da vibrante era mais freqüente entre a comunidade lingüística de dubladores há quarenta anos. Naquela época, as idiosincrasias, isto é, o jeito peculiar de cada indivíduo se pronunciar – seja por meio da vibrante ou pela utilização da fricativa – era mais respeitado. Não havia essa imposição do erre fricativo, sob o aval do prestígio social a ele conferido, que se observa na dublagem atual. O pensador Bakhtin (1999, p. 78-9) atenta para essa maneira peculiar de cada indivíduo realizar a fala.

Se tomarmos um som qualquer na língua, por exemplo o fonema /a/ na palavra *ráduga* (arco-íris), o som produzido pelo aparelho articulatório fisiológico do organismo individual é um som individual e único, próprio de cada sujeito falante. Quantas forem as pessoas a pronunciar a palavra *ráduga*, quantos serão os “a” particulares desta palavra. (...) Entretanto, será que estas particularidades individuais do som /a/, condicionadas, digamos pela

forma única da língua (órgão), do palato e dos dentes dos sujeitos falantes (...), são essenciais do ponto de vista da língua? Evidente que elas não apresentam qualquer interesse. O que é essencial é a *identidade normativa* deste som em todas as instâncias em que se pronuncia a palavra *ráduga*.

De acordo com o que é apregoado por Bakhtin (1999), é pelo fato de a *identidade normativa* ser essencial para o mecanismo da língua que se pode inferir as razões que implicaram a supressão da vibrante pela fricativa. A norma que constitui a unicidade da língua, perante a sociedade, é a norma culta padrão. Assim, ao passar a privilegiar a pronúncia da fricativa, o falar culto denigre as outras particularidades individuais de que os falantes dispõem para realizarem sua enunciação como, por exemplo, o rótico vibrante.

Tal inferência pode ser constatada, ao se analisar comparativamente as dublagens em filmes e em desenhos animados das décadas passadas com as da atualidade. Para demonstrar como se deu o processo de supressão da vibrante, foram estudados vários diálogos extraídos de produções dubladas em diferentes épocas, como as que seguem. O primeiro diálogo se refere a uma das cenas do filme *Cleópatra* (*Cleopatra*, Estados Unidos, 1962), dublado em meados da década de sessenta.

Cezar: - Rufos, consulte os deuses! Eu quero saber! No Egito, Pompeu me enfrentará, afinal.

Soldado: - Mas, Cezar, deve ir a Roma agora!

Cezar: - Preciso ir ao Egito de qualquer jeito! O jovem rei Ptolomeu e sua irmã parecem que iniciaram uma guerra civil própria.

Soldado: - Permita ao povo de Roma aclamar o grande Cezar em toda sua propriedade com toda glória e triunfo!

Cezar: - Triunfo? Sobre o quê? Sobre quem? Cornélius...

Cornélius: - Sim, Cezar!

Cezar: - Deixe-me a “dez” e a “doze” e leve as outras para Roma. Quando partirá?

Cornélius: - Quando Cezar mandar!

Cezar: - Então, agora! Quando, em Roma, Marco Antônio fala por Cezar, não haverá dúvidas quanto à sua autoridade para agir em meu nome.

Cornélius: - Sua palavra é a dele! E como sempre a palavra de Cezar é a lei!

Cezar: - Claro! Lembre-o para manter as legiões intactas. Elas tornam a lei legal.

Cornélius: - Cezar!

Narrador: E mesmo com as galeras romanas singrando o grande mar para o Egito, acontecia que, assim como os romanos, também os egípcios faziam a guerra um contra o outro, pois o jovem rei Ptolomeu não mais partilhava o trono com sua irmã Cleópatra e expulsou-a da cidade de Alexandria, resolvido a destruí-la.

Ao se analisar o diálogo estabelecido entre as personagens, constata-se que o dublador da personagem *Cezar* utiliza a vibrante uvular sonora em vários contextos. Esta parece ser a sua marca, sua idiossincrasia. A vibrante aparece no início de palavras, no final e também na ocorrência do erre duplo. É o que se constata ao se ouvir os vocábulos pelo mesmo pronunciados. Em sua enunciação, tem-se [Rufɔz] para “Rufos”, [Roma] para “Roma”, [Rey] para “rei” e [gɛRa] para “guerra”; todas as palavras, portanto, com o emprego da vibrante uvular sonora [R]. Quanto ao contexto final, observa-se que o dublador profere os vocábulos “saber”, “qualquer”, “Cezar” e “manter” nas respectivas formas fonéticas: [sabeR]; [kwatkɛR]; [sɛzaR] e [mɔ̃ntɛR]. Todas elas são também realizadas com o emprego da vibrante múltipla na forma uvular.

A enunciação do narrador merece destaque. Ele alterna sua pronúncia de vibrante para fricativa, isto é, pronuncia os erres das duas maneiras. É o que se constata ao ouvi-lo proferir os substantivos “rei” e “guerra” e a forma verbal “resolvido”, com a pronúncia da vibrante uvular [R] nas formas [Rey], [gɛRa] e [Rezoʎɪdɔ]. No entanto, o mesmo narrador, ao pronunciar os substantivos “romanas” e “romanos”, assim o faz por meio da fricativa glotal surda [h], como se percebe nas formas [homɔ̃naz] e [homɔ̃nɔz].

Se a pronúncia do dublador da personagem *Cezar* é uniforme, contemplando a vibrante uvular, a do narrador é muito mais diversificada. Tanto que na ocorrência do erre final, surge uma outra forma fonética: a vibrante alveolar sonora [r], caracterizada por não ser tão forte quanto a uvular [R] e encontrada na forma “mar” [mar], presente na enunciação do narrador do épico. Essa mesma ocorrência é verificada no falar do dublador do soldado anônimo, que pronuncia o nome de Cezar e os verbos “ir” e “aclamar” com a vibrante alveolar sonora em seus finais, nas formas de [sɛzaʀ], [ir] e [aklɔ̃mar].

Essa diversidade de pronúncias dos róticos serve para espelhar uma época na qual não havia uma valorização tão acentuada, por parte da sociedade, no que concerne ao erre fricativo. Nas décadas passadas, era muito mais freqüente de se ouvir, nas dublagens, uma realização

fonêmica na forma de vibrante uvular, o que não mais ocorre na atualidade.

Um outro exemplo no qual o emprego da vibrante uvular é contemplado trata do desenho animado *Os Flintstones* (*The Flintstones*, Estados Unidos, 1960), também dublado na década de sessenta. É o que se constata ao se atentar para um dos diálogos entre as personagens *Betty* e *Vilma*, cuja transcrição segue logo abaixo.

Betty: - Está bem, Vilma, o que está havendo?
 Vilma: - Oh! É que eu sou uma esposa compreensiva, ansiosa por fazer o que agrada o meu marido!
 Betty: - Claro. E depois existe aquela do *Lobo Mau* e do *Chapeuzinho Vermelho*! Vamos, diga a verdade.
 Vilma: - Bem, hã...
 Betty: - Vamos!
 Vilma: - Bem, uma estola de pele na vitrine do Rocha e acontece que custa oitenta lascas!
 Betty: - Humm! Vilma Flintstone, você é terrível! Por que eu não posso pensar numa coisa dessas!

Nessa cena do desenho, percebe-se que ambas as dubladoras fazem uso da vibrante uvular sonora [R]. É o que se constata quando a dubladora de *Betty* pronuncia o adjetivo “terrível”, como sendo [teRivɛl]. Do mesmo modo o faz a dubladora da personagem de *Vilma*, ao pronunciar o substantivo “Rocha”, aqui como nome próprio, por se referir à denominação de um estabelecimento comercial. A forma que se tem para tal vocábulo é [Rɔʃa], com o emprego do rótico vibrante e não do fricativo.

Em um outro diálogo, ocorrido entre as personagens masculinas desse mesmo desenho, percebe-se um contraste envolvendo a pronúncia dos róticos.

Fred: - Estou à procura de rapazes de talento. Testarei a sua voz. Começaremos com a escala.
 Barney: - Hã, hã? Claro, a escala é! Eu sei a melodia, mas não estou certo quanto à letra.
 Fred: - É assim: dó, ré, mi, fã...
 Barney: - Oh, sim, sim! Dó, ré, mi, fã, soooooool (hã, hã). Dó, ré, mi, fã, soooooool...
 Fred: - Oh, obrigado, Barney! É como eles disseram no programa: “não nos procure, nós o chamaremos”.

Nessa cena, percebe-se que enquanto o dublador da personagem *Fred* faz uso da fricativa glotal surda [h] para pronunciar o erre no início de uma palavra, o dublador da personagem *Barney* pronuncia o mesmo vocábulo com a vibrante uvular sonora. A palavra em questão trata da nota musical “ré”, proferida pelo dublador de *Barney*, vibrantemente, como [Rɛ], ao passo que o dublador de *Fred* a pronuncia, aspiradamente, na forma de [hɛ]. Ele também profere, dessa maneira, o substantivo “rapazes”, realizado como [hɔpaz□z].

Tecendo-se um paralelo entre os protagonistas desse desenho animado – *Fred, Barney, Vilma e Betty*, percebe-se que, quando de sua dublagem nos anos sessenta, a maior parte de seus respectivos dubladores utilizou a vibrante uvular nos contextos iniciais e de erre dobrado, pois, enquanto apenas o dublador da personagem *Fred* empregou o erre fricativo, os dubladores de *Barney, Betty* e *Vilma* contemplaram, em suas locuções, o rótico vibrante.

Um dos motivos para tanto parece residir no fato de que o desenho foi dublado em uma época na qual o rótico fricativo não era tão maciçamente prestigiado. Entretanto, aliado a tal fator, não se deve deixar de atentar para a variante geográfica. A procedência de tais dubladores também pôde pesar em suas opções pela pronúncia da consoante na forma de vibrante e não fricativa. Esses dubladores tanto podem ser de origem gaúcha, como também integrarem determinados dialetos do Estado de São Paulo, nos quais a vibrante ainda hoje é empregada, consoante observam Abaurre e Sandalo (2003, p. 192).

Na década de noventa, os estúdios de animação da *Hanna-Barbera* lançaram em vídeo uma nova temporada de *Os Flintstones*. Nessa fase, os bebês *Pedrita* e *Bam-Bam* já estão crescidos. Um dos episódios traz como título *O casamento de Bam-Bam e Pedrita (Yabadabadoo!, Estados Unidos, 1992)*. Neste, ao se ouvir a locução das personagens, dublada em meados da década de noventa, percebe-se que as dubladoras das personagens femininas *Betty* e *Vilma* foram substituídas. Entretanto, os dubladores das personagens masculinas *Fred* e *Barney* permanecem os mesmos. A seguir, transcreve-se um diálogo da referida produção: “Bam-Bam: - Não se preocupe, querida! Nós vamos nos casar, amanhã, nem que tenhamos que fugir para Rock Vegas! Vilma: - Hã? Rock Vegas? Oh, não! Não podem!”.

Ao se transcrever foneticamente esse fragmento, percebe-se que a nova dubladora da personagem *Vilma* não mais emprega a vibrante uvular sonora [R] como o fez a sua antecessora na década de sessenta. Tal constatação vale, ao se analisar a palavra “Rock Vegas” – uma paródia da cidade norte-americana de Las Vegas, pronunciada,

na dublagem mais recente, na forma de [hɔk□vɛgɔz], com a utilização da fricativa glotal surda [h]. A personagem *Vilma*, portanto, teve sua pronúncia alterada, nos anos noventa, pela voz da nova dubladora. Esse tipo de pronúncia é também encontrado na locução do dublador de *Bam-Bam* que profere tal vocábulo de forma idêntica, como [hɔk□vɛgɔz], confirmando a hegemonia da fricativa nas dublagens atuais.

O fato mais relevante da análise se percebe na transcrição de um novo trecho do desenho, o qual aborda um diálogo estabelecido entre as personagens *Fred* e *Barney*.

Barney: - Eu não disse, Fred, que o treze era meu número de sorte!
 Fred: - Meus parabéns, Barney, parece que você acabou sendo um grande vencedor.
 Barney: - Puxa, Fred! Se não fosse por você, eu não teria jogado naquela roda.
 Fred: - É, tem razão.
 Barney: - Por que não dividimos, então, a minha fortuna, hein?

Embora os dubladores das personagens *Fred* e *Barney* sejam os mesmos da década de sessenta, percebe-se que, após decorridos aproximadamente trinta anos, o dublador da personagem *Barney*, que anteriormente pronunciava o erre inicial com a vibrante uvular sonora [R], alterou a sua pronúncia, passando a empregar a fricativa glotal surda [h]. É o que se constata, ao se ouvir o substantivo “roda” pronunciado pelo dublador como sendo [hɔda], ou seja, com a supressão da vibrante, marcante nos anos sessenta, em prol da fricativa, altamente prestigiada num contexto mais recente.

O dublador da personagem *Fred*, por seu turno, mantém o uso da fricativa, o que já fazia na década de sessenta. É o que se percebe, por exemplo, quando ele pronuncia a palavra “razão” na forma de [hɔzɔw], com o emprego da fricativa glotal surda [h], fato que vem a confirmar a hegemonia, nas dublagens, desse rótico perante os demais.

Tecendo-se um contraponto entre a dublagem de *Os Flintstones* da década de sessenta com a dos anos noventa, constata-se que, se, no primeiro período, dentre as quatro personagens principais da série, a vibrante era observada na dublagem de três destas (a maioria), na década de noventa, porém, nenhum profissional da dublagem mais a contempla, inclusive o dublador de *Barney*, que chegou a utilizar a vibrante em sua enunciação há algumas décadas. Tal fato ilustra como os dubladores alteram suas locuções,

preocupando-se com a variante de maior prestígio. Bakhtin (2000, p. 302) aborda como os falantes adequam sua enunciação, dependendo do contexto que a realizam.

As formas do gênero às quais modelamos nossa fala, se distinguem substancialmente das formas da língua, do ponto de vista de sua estabilidade e de suas leis normativas para o locutor. (...) Há toda uma gama dos gêneros mais difundidos na vida cotidiana que apresenta formas tão padronizadas que o querer-dizer individual do locutor quase que só pode manifestar-se na escolha do gênero, cuja expressividade de entonação não deixa de influir na escolha.

Pelo fato de a dublagem ter sido tão padronizada nos últimos anos, prestigiando – assim como a maior parte da sociedade – o rótico fricativo, é que se constata a ocorrência de um dublador alterar sua pronúncia. Vale frisar o que Bakhtin salienta: que o *querer-dizer individual do locutor quase que só pode manifestar-se na escolha do gênero*. O filósofo sugere que, quando um falante seleciona um gênero mais padronizado para se integrar a este – como é o caso da comunidade de dubladores, caberá a esse mesmo falante adequar os seus recursos expressivos de acordo com a padronização imposta por tal gênero. Em outras palavras, para que o dublador possa ser ouvido e, conseqüentemente, empregado no mercado de trabalho, deverá ele se adequar aos padrões lingüísticos que a dublagem lhe impõe, não permitindo que suas idiossincrasias dificultem a escolha por ele feita.

O rótico fricativo foi incorporado à maioria dos dialetos brasileiros, inclusive por aqueles que há algum tempo não o empregavam. A constatação da supressão da vibrante em favor da fricativa nas dublagens corrobora as observações feitas por Abaurre e Sandalo (2003, p. 161-2). Segundo as pesquisadoras, essa modalidade de rótico já está tão difundida no território nacional, que o uso da vibrante, na pronúncia de erre inicial e dobrado, encontra-se, atualmente, restrito a apenas alguns dialetos, como os gaúchos, por exemplo.

No português do Brasil, quando a vibrante estiver no início de uma sílaba e não for precedida por uma vogal, ela pode permanecer vibrante, como ainda ocorre em algumas regiões do Rio Grande do Sul, ou ser realizada como uma fricativa glotal na maioria dos dialetos.

O interesse em causar uma boa impressão no interlocutor, utilizando-se, para tanto, de uma variação mais prestigiada

socialmente, fez com que se chegasse a essa realidade lingüística no Brasil. Tal fato aponta para a abordagem de Bakhtin (2000, p. 322) que, ao estudar os diferentes estilos lingüísticos, discorre acerca dessa importância dada pelo interlocutor aos destinatários para os quais dirige sua enunciação.

Nas esferas da vida cotidiana ou da vida oficial, a situação social, a posição e a importância do destinatário repercutem na comunicação verbal de um todo especial. A estrutura da sociedade em classes introduz nos gêneros do discurso e nos estilos uma extraordinária diferenciação.

São esses fatores apontados por Bakhtin (2000) que influenciam a escolha de uma variante na enunciação dos falantes, mas, como ele bem frisa, é a *estrutura da sociedade em classes* que se faz determinante para tal escolha. No caso da substituição do rótico vibrante em favor do fricativo na maioria dos dialetos nacionais, ficou evidente, por meio desta análise, que o prestígio conferido ao último pelas classes dominantes da sociedade se configurou como o principal fator responsável por tal mudança.

No meio escolar atual, está sendo muito difundida – em consonância com o que recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) – a premissa de se valorizar os conhecimentos que o aluno traz de sua vida extra-escolar, suas aceções, incluindo-se, dentre as mesmas, suas variantes lingüísticas. Perante os PCN's, a norma culta é vista apenas como uma das possíveis variações inerentes à Língua. A esse respeito, também argumenta o lingüista Faraco (1998, p. 25):

aparecem os termos *inovador* e *conservador* para designar respectivamente o elemento novo, isto é, a variante que se expande alterando aspectos da configuração da língua; e o elemento velho, isto é, a variante que representa a configuração mais antiga na língua. O que queremos ressaltar aqui é que os dois termos não têm, em lingüística histórica, qualquer dimensão valorativa: não há em *inovador* um tom positivo, nem em *conservador* um tom negativo. São termos apenas descritivos.

A norma culta contemplaria o elemento novo da língua, prestigiado e moderno – como o rótico fricativo, ao passo que o elemento velho não seria mais privilegiado, como o vibrante. No entanto, Faraco (1998) afirma que, do ponto de vista lingüístico, as duas formas se equivalem, agregando os mesmos valores e conceitos.

Faraco (1998, p. 17) ressalta, ainda, que o discente necessita “acostumar-se a submeter à crítica rigorosa e permanente de juízos sociais sobre a língua, procurando se livrar dos preconceitos e respaldando sempre suas próprias formações com dados empíricos”, isto é, que o aluno perceba a influência da sociedade na enunciação de seus falantes.

Dessa maneira, a escola deve respeitar as idiossincrasias do educando, suas variações lingüísticas, bem como suas opiniões, a fim de incitar seu senso crítico. O que a escola não deve, contudo, é deixar de orientar os alunos para aquilo que Faraco (1998) chama a atenção: *submeter à crítica rigorosa e permanente de juízos sociais sobre a língua*. A escola, portanto, deve alertar o aluno acerca da influência que a sociedade exerce sobre as formas lingüísticas, fazendo-o perceber que, devido a isso, em determinados contextos, lhe serão exigidas variações prestigiadas.

Caberá ao discente, portanto, adequar seu linguajar, em conformidade com as situações nas quais a sociedade lhe exigirá tais adaptações, sem, contudo, perder suas idiossincrasias, que podem continuar a aflorar nos contextos em que a sociedade não lhe impõe variações de prestígio.

Ao estudar o contato lingüístico e a variação, a pesquisadora Borstel (1998) constatou que, em escolas do Município de Marechal Cândido Rondon, no Estado do Paraná, o uso da vibrante simples era executado em contextos fonológicos nos quais se exigia a vibrante múltipla e vice-versa. A estudiosa avalia que, no período compreendido entre a fase de alfabetização e o término do Ensino Fundamental, os estudantes não deixaram de realizar tal variante em suas falas, principalmente devido à influência exercida pelo contato com a língua germânica, muito difundida naquele município.

Borstel (1998, p. 29) alerta para o fato de que tais discentes estariam “mostrando pouca mudança para alcançarem o dialeto de prestígio que será instrumento social e intelectual, imposto pela própria comunidade em que estão inseridos”. Pode-se inferir que, por meio dos processos de “prestigização” e posterior homogeneização – imputados ao rótico fricativo nos últimos anos, essa imposição, de que fala a autora, provavelmente continuará a privilegiar tal modalidade de rótico.

Ao se analisar dois expoentes da mídia: o cinema e a televisão, pode-se perceber que os meios de comunicação de massa, por meio das dublagens, corroboraram o processo de “prestigização” do rótico fricativo, marcante no contexto do Português falado no Brasil a partir das três últimas décadas do século XX.

AGRADECIMENTO: Agradeço à professora Dr.^a PhD Clarice Nadir von Borstel, pela disponibilidade e leituras orientadas, que culminaram com a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques; SANDALO, Maria Filomena Spatti. Os róticos revisitados. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisele (org.). *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BORSTEL, Clarice Nadir von. Estudos do uso da vibrante no português do Brasil e a aplicabilidade na alfabetização. *Revista da JELL*, Marechal Cândido Rondon: v.1, n.1., p.26-34, 1998.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- Cleópatra. (Cleopatra)*. Estados Unidos, 1962.
- FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1998.
- HORA, Dermeval da; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisele (org.). *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1999.
- Os Flintstones. (The Flintstones)*. Estados Unidos, 1960.
- Os Flintstones: o casamento de Bam-Bam e Pedrita. (Yabadabadoo!)*. Estados Unidos, 1992.